

25 ANOS DA FACULDADE DE TEOLOGIA 1982 – 2007

João Batista Libanio, SJ

Introdução

A leitura retrospectiva da história da Faculdade de Teologia insere-se no contexto das comemorações dos 25 anos do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, que hoje se chama oficialmente Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). O olhar do artigo se concentra nas atividades próprias da Faculdade de Teologia.

A partir de 1982, por decisão dos superiores maiores, os estudantes jesuítas do Brasil se concentram em Belo Horizonte para cursar filosofia e teologia. Os diferentes centros, existentes até então em São Leopoldo (RS) e no Rio de Janeiro, se fundem num único, que recebeu o nome de Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus no Brasil (CES). No caso específico da teologia, transfere-se a Faculdade de Teologia de direito pontifício, que funcionava em São Leopoldo, para Belo Horizonte.

O primeiro ano de existência do CES serviu de transição com as adaptações necessárias de alunos, unicamente jesuítas, que traziam currículos diferenciados. A partir de 1983, abrem-se as portas para outros alunos. Inicia-se a primeira fase da Faculdade de organização dos Estatutos e Regimento.

1ª FASE: FASE CONSTITUINTE

Foi momento de intenso trabalho criativo do novo modelo de Faculdade. Pesou no fato da mudança o desejo de organizar um sistema de estudos com maior autonomia que não se gozava, inserido quer na PUC-Rio quer na UNISINOS de São Leopoldo, regidas por estatutos próprios.

Nos anos 80, sobrevam nos meios eclesiásticos de estudos filosóficos e teológicos ares de compromisso social, de engajamento pastoral, não sem detrimento da seriedade acadêmica. A Companhia de Jesus, por sua vez, vivia momento doloroso quanto à vida interna pela intervenção de Roma, nomeando um Delegado Pontifício para governar a Ordem em lugar do Vigário Geral, estatutariamente escolhido pelos Conselheiros Gerais. Foi sob a égide do Pe. Dezza, Delegado Pontifício, que se faz a instalação do CES com a presença do Pe. Pittau, Vice-Delegado Pontifício.

O corpo de professores, apesar das circunstâncias adversas, resolveu elaborar um sistema acadêmico exigente na contramão de certo antiintelectualismo reinante. Em árduo esforço colegial, os professores, com inúmeras horas de reunião, estruturaram o regime da Faculdade sob a direção do Pe. Carlos Palácio. Nos pontos importantes, optou-se por só estabelecê-los quando se alcançasse a unanimidade entre os presentes. Chegou-se realmente a deliberações e decisões colegiadas. Gerou-se animador “espírito de corpo” que facilitou levar a tarefa adiante.

Pilares da Faculdade de Teologia

Iniciou-se por determinar três pontos fundamentais que norteariam todo o conjunto da formação acadêmica: a centralidade da Escritura, o caráter orgânico e unitário da teologia sistemática, a articulação interna da teologia com a pastoral.

A relevância à Escritura

Assumiu-se, com toda seriedade, a afirmação do Decreto Conciliar *Optatam totius* sobre a formação sacerdotal: “o estudo da Sagrada Escritura [que] deve ser como que a alma de toda a teologia” (*Optatam totius*, n. 16). A opção manifestou-se de diversas maneiras.

Privilegiou-se o estudo dos quatro evangelhos de modo que cada um deles fosse estudado à parte e todo ao longo dos anos. Organizou-se estudo extensivo da Escritura de modo a percorrer praticamente todos os livros da Bíblia em diversos semestres. A carga horária de Escritura é bastante densa e constitui o coração de cada semestre junto com uma ou duas matérias

sistemáticas. Os professores de sistemática foram solicitados a articular os tratados com textos fundamentais da Escritura. E no exame complexo no final da teologia exigia-se dos alunos bom conhecimento bíblico.

Visão orgânica e unitária da teologia sistemática

Essa decisão corresponde também à orientação da *Optatam totius* de que “na revisão dos estudos eclesiais, se atenda principalmente a que as disciplinas filosóficas e teológicas se coordenem melhor e concorram de modo harmônico” (n. 14) e que a teologia dogmática siga o método orgânico sob a perspectiva da história da salvação (n. 16). Tal preocupação manifestou-se na maneira como cada disciplina teológica era ensinada ao acentuar o aspecto sistemático, sem pruridos de erudição. Entre as disciplinas estenderam-se eixos que as articulassem. E os alunos trabalhavam tal sistematização, de modo especial na preparação do exame complexo. Todo aluno prestaria no final dos estudos teológicos um exame em que estivesse presente a matéria dos anos anteriores. A importância do exame, nos inícios, foi tal que se reservou praticamente um semestre para a preparação. E o testemunho de muitos confirmava o fato de terem conseguido razoável síntese final de toda a teologia.

O corpo de professores de teologia sistemática foi desde o início abundante. Isso permitiu que se pudesse trabalhar melhor a sistematização da teologia sem perder a profundidade em cada matéria.

Perspectiva pastoral

A preocupação pastoral veio dos inícios como maneira de responder positivamente aos anseios pastorais vigentes na geração pós-conciliar, provocados pelo próprio Concílio que na *Optatam totius* estabelecia para toda a formação do seminário, inclusive, portanto, para os estudos, a finalidade pastoral (n. 4).

No início, não se estatuiu uma disciplina de pastoral, mas fomentou-se nos alunos a capacidade crítica em face da própria pastoral por meio de pedagogia própria. No primeiro ano de teologia, insistia-se em que eles submetessem as próprias atividades pastorais à crítica sócio-analítica. E deixava-se para os 2º e 3º anos a análise de cunho teológico. Para tal um dos professores elaborou método detalhado que foi adotado na Faculdade (J.B. LIBANIO, “Articulação entre Teologia e Pastoral: a propósito de uma experiência concreta”, *Perspectiva Teológica* 19 / nº 49 (1987) 321-352).

Os alunos elaboravam dois relatórios sobre a própria pastoral. Um no final do 1º ano de teologia de natureza sócio-analítica. E outro de cunho teológico no 2º ou 3º ano de teologia. Assumiu-se com seriedade a intuição de K. Rahner de que toda verdadeira teologia é pastoral e toda pastoral verdadeira é teológica.

Questões metodológicas/didáticas

Direção de estudos: sistema tutorial

A metodologia ocupou-nos a atenção. Professores, que estudaram na Bélgica, conheceram a experiência de direção de estudos. E a introduzimos na Faculdade a nosso modo. Cada estudante, jesuíta ou não, recebia um diretor de estudos entre aqueles professores cujos nomes eles indicavam. O ritmo dos encontros diminuía à medida que o aluno amadurecia nos estudos. No primeiro ano, cada 15 dias eles conversavam com o diretor de estudos. No segundo ano, cada 3 semanas ou cada mês. No 3º ano se reuniam duas vezes por semestre e, no último semestre, cessava a direção de estudos.

Pela direção de estudos, os alunos mantinham contacto e acompanhamento próximo por um professor. Este os ajudava a organizarem e a conduzirem os estudos. Oferecia-lhes elementos metodológicos e didáticos. Aproximava-os da própria verdade no campo intelectual, descobrindo-lhes a vocação intelectual ou a real natureza das próprias aptidões.

O diretor de estudos acompanhava a reflexão pastoral e a elaboração do relatório correspondente. Orientava as leituras para além do espaço estritamente escolar. E seguia-os de perto na confecção de trabalhos.

Dossiê

O dossiê se constituiu pilar metodológico importante. Consistia em que todo aluno, em folha apropriada para cada disciplina, anotava as leituras e atividades. A cada encontro com o diretor de estudos, este conferia o dossiê e sopesava o equilíbrio de leitura e atividades de cada disciplina e no conjunto das disciplinas. Possibilitava orientar melhor o seu dirigido na organização dos estudos, na qualidade e quantidade da leitura. O professor da respectiva matéria passava o dossiê de todos os alunos a fim de fazer-se uma idéia do ritmo deles, orientá-los e avaliá-los. O próprio aluno, ao anotar leituras e atividades, tomava consciência do próprio trabalho e organização. Servia-lhe de autocontrole e dava-lhe senso de realismo. Alguns professores pediam breve fichamento de cada leitura, introduzindo o aluno nessa arte conforme as normas da Faculdade.

Sistema de avaliação

Alguns princípios norteavam o sistema de avaliação. Relativizou-se a nota, adotando o sistema flexível de siglas, cobrindo cada uma leque maior de pontos. No início, contentávamos com três siglas: I (insuficiente, não aprovado), A (aprovado), ACD (aprovado com distinção). Depois se introduziu uma sigla intermédia: AB (bem aprovado). No final do curso, se algum

aluno tinha feito exame complexivo excelente, recebia a sigla ACMD (aprovado com máxima distinção).

Estabeleceu-se que nenhum aluno seria avaliado por algum critério único, especialmente por um exame escrito ou oral, mas por diversas fontes de natureza diferente: dossiê, freqüência, assiduidade e participação na aula e nas diferentes dinâmicas, trabalhos elaborados, esforço percebido em aula e nas conversas com o diretor, a própria direção de estudos.

O único exame, no sentido estrito, acontecia no final do curso. Era o exame complexivo em vista da elaboração da síntese pessoal de toda a teologia.

Sistema de rodízio dos 2º e 3º anos

Nos primeiros anos, não tínhamos nem alunos suficientes, nem professores para estruturar o curso com todas as disciplinas em funcionamento. Seguimos o sistema de rodízio. O primeiro ano de teologia permanecia constante e igual. O segundo e terceiro ano se alternavam. E o sétimo semestre ficava reservado para a preparação do exame final com algumas poucas aulas.

Exame complexivo

Já aludimos ao exame complexivo. Fazia-se no final do sétimo semestre depois de longa preparação de um semestre com poucas aulas e muito tempo para estudo pessoal ou em grupo.

Realizava-se em forma de banca. Três ou quatro professores num período de uma hora ou uma hora e meia (para os jesuítas) examinavam o aluno sob a forma oral. Verificava-se o nível de assimilação do dado fundamental da teologia sistemática e moral, do conhecimento bíblico correspondente e da articulação madura dos diversos tratados teológicos.

Trabalho científico (monografia)

Cada aluno discutia a redação da monografia com o professor que escolhia para orientá-lo. Não se organizava nenhum seminário próprio. Tema, esquema, maneira de elaborar dependiam do consenso entre professor e aluno. O prazo de entrega se estendia até o final do 3º ano. A exigência consistia em saber trabalhar cientificamente um tema teológico.

Semana de Estudos (1988)

Freqüentemente a sobrecarga de aulas, trabalhos e atividades múltiplas reduzem o tempo para leituras e certo vagar assimilativo. Por isso, instituiu-se cada semestre uma semana livre de aulas para estudo pessoal. Aconse-

lhava-se que o aluno conversasse com o diretor de estudos sobre a maneira de melhor aproveitar esse período de recesso escolar a fim de não transformá-lo nalgum feriado prolongado, desvirtuando-lhe totalmente a finalidade.

Elementos de organização

Três níveis de ensino

Desde o início, tínhamos oficialmente o direito pontifício de levar os três níveis de ensino: graduação, mestrado e doutorado. O curso de graduação visa à formação fundamental em teologia. Organizamo-lo em sete semestres, reservando o último semestre de modo especial para a preparação do exame complexivo de toda a teologia.

A partir de 1986, começamos com os cursos de mestrado que serviam também para algum eventual candidato ao doutorado. Em termos de natureza de exigências, escolhemos um meio termo entre o sistema da Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) e os mestrados das Universidades brasileiras. Em relação à PUG, o número de cursos e de exames era bem menor, pois supúnhamos que o aluno já fizera o exame complexivo da teologia. Mas a monografia e tempo disponível para fazê-la superavam os limites impostos pela PUG. Em relação às Universidades brasileiras, diminuímos as exigências sobre a monografia e se destinava tempo mais restrito. Evitava-se alguma exagerada especialização ou pesquisa aprofundada, antes própria do doutorado.

O objetivo principal visava à capacitação acadêmica de professores de teologia para o nível de graduação. Quatro elementos configuravam o mestrado: cursos monográficos, seminários temáticos, seminários de leitura e dissertação. Os seminários temáticos, menos numerosos, carregavam mais exigências que os cursos monográficos. Instituímos o seminário de leitura. Os professores confeccionaram uma lista de livros de fôlego das diversas épocas da teologia: patrística, medieval, moderna e contemporânea. Com a orientação do/a Coordenador/a da Pós-Graduação, os alunos escolhiam seis livros de diferentes épocas e combinavam com o correspondente professor quais as exigências para a exposição da leitura. O seminário era pontuado conforme o desempenho do aluno.

A dissertação de mestrado visava a dar conta do estado de uma questão teológica de maneira científica e tecnicamente elaborada. Não supunha nenhuma criatividade, mas capacidade de exposição clara, precisa e exata do tema proposto.

Para o doutorado, as exigências maiores se concentravam na confecção da tese que devia trazer alguma contribuição para a questão estudada.

Sistema de seleção

Para entrar na Faculdade de Teologia, requeriam-se conhecimentos básicos de filosofia adquiridos ou anteriormente ou na Faculdade de Filosofia do Centro. O pré-requisito era que os candidatos já tivessem feito algum curso superior, preferentemente de Filosofia ou outro. Em todos os casos, exigia-se um mínimo filosófico necessário.

Como a literatura teológica principal se encontra em línguas estrangeiras, o candidato devia mostrar suficiente capacidade de leitura numa das quatro línguas: francesa, italiana, inglesa ou alemã. Para o doutorado, são duas, uma de origem latina, outra saxônica. Mais tarde, devido à crescente deficiência em termos de redação, introduziu-se a exigência de fazer uma redação na língua materna.

A fim de captar a motivação e sondar as possibilidades do candidato, o Diretor tinha com ele uma entrevista. Além disso, pedia-se uma carta de apresentação.

Direção colegiada da Faculdade

A Faculdade tem um diretor. Preferiu-se conduzir uma direção colegiada de modo que toda decisão importante só se tomava com o consenso do corpo dos professores. Toda mudança na ordem dos estudos era submetida formalmente à votação no Conselho da Faculdade com a presença dos representantes dos estudantes.

Direção de estudos colegiada

Em continuidade com a direção pessoal de estudos dos alunos, os professores, cada mês, se reuniam e passavam o nome de todos os alunos. O diretor de estudos oferecia elementos sobre o dirigido a partir do dossiê e da conversa a fim de situar os professores nas reais condições dos alunos. Por sua parte, os professores comunicavam ao diretor de estudos dados percebidos na sua disciplina sobre os dirigidos, a fim de que o diretor os orientasse melhor.

Da direção de estudos emergiam problemas relativos ao desenrolar do semestre. Eram então propostos ao colegiado em busca de solução. Servia de fonte indireta de participação dos estudantes na Faculdade. Pois, as observações e questões, que os alunos faziam ao diretor de estudos sobre o ensino das matérias ou outros assuntos da Faculdade, vinham até o colegiado dos professores. Este, ao tomar consciência delas, eventualmente introduzia correções ou mudanças necessárias. Portanto, tais reuniões visavam a resolver impasses ou dificuldades que iam surgindo tanto em nível dos alunos, como de natureza estrutural da Faculdade.

Relação entre alunos e professores/Faculdade

A principal relação entre alunos e professores se fazia pela direção de estudos. Além disso, os estudantes tinham acesso às decisões da Faculdade no referente à ordenação dos estudos por meio da presença dos representantes no Conselho da Faculdade. A associação dos estudantes tomava iniciativas para diálogos com os professores ou diretor. Limitou-se a 30 o número máximo de alunos a serem aceitos cada ano para começar a teologia. O número reduzido visava a que se conservasse a qualidade da direção de estudos e o método participativo.

Reunião com os formadores não jesuítas

A fim de circular mútua informação por parte da Faculdade e dos formadores dos não jesuítas, o Diretor da Faculdade de Teologia se reunia cada semestre para avaliação de ambas as partes. Ora o Diretor começava a falar da impressão que os professores tinham dos alunos pela via das aulas e da direção de estudos a fim de que os formadores agissem conseqüentemente no setor que lhes competia; ora os formadores levavam ao conhecimento do Diretor o que ouviam de seus formandos e também que problemas eles mesmos percebiam. O mútuo esclarecimento ajudava a formação dos estudantes, fim principal da Faculdade. Esta prática continua até os dias de hoje com muito proveito, propiciando entrosamento entre as partes.

Avaliações dos cursos e da Faculdade

Cada bimestre, os alunos avaliavam com o professor, eventualmente com o diretor, as respectivas disciplinas e o funcionamento da Faculdade. Introduziam-se então as necessárias correções de rota. No final do semestre, os professores dedicavam um a dois dias inteiros (no início eram mais dias) para avaliar o semestre passado e planejar o futuro, aproveitando sempre das avaliações dos alunos. Estava-se ainda num “período constituinte” em que se estabeleciam as regras do jogo.

Biblioteca

A biblioteca montou-se com vários acervos. A antiga biblioteca do Escolasticado de Nova Friburgo, que se tinha trasladado para São Paulo (Anhangüera), aportava a Belo Horizonte com livros de filosofia e teologia. O teologado da província do Brasil Central, que estava no Rio, tinha também constituído uma biblioteca teológica, que se deslocou também para Belo Horizonte. Por fim, vieram livros do Colégio Cristo-Rei de São Leopoldo. Assim começamos.

Cuidou-se de mantê-la atualizada com novas aquisições e com numerosas assinaturas de revista. Iniciou-se lentamente o processo de informatização.

Centro audiovisual

Desde o início, montou-se um centro audiovisual na continuidade com o trabalho que o Pe. Edeimar Massote sj iniciara na Universidade Católica de Minas Gerais. A morte o levou, deixando-nos o legado de continuar-lhe a obra.

Atualização do professor

A fim de que os professores se mantivessem atualizados, estabeleceu-se que eles teriam a cada cinco anos um semestre livre das atividades acadêmicas para estudos e pesquisas no Brasil ou no estrangeiro conforme as possibilidades em curso. Em alguns casos, conseguiu-se financiamento do CNPq para a pesquisa, seguindo o protocolo exigido pela instituição. Atualmente abre-se a oportunidade de aproveitar tais períodos para pós-doutorados.

Revista Perspectiva Teológica

Ao trasladar-se a Faculdade de Teologia de São Leopoldo para Belo Horizonte, a *Perspectiva Teológica*, revista a ela adscrita, também começou a fazer parte da nova Faculdade de Belo Horizonte. O editorial do primeiro número publicado em Belo Horizonte [*Perspectiva Teológica* 14 / n° 32 (1982)] marcou a linha que a Revista pretendia assumir. Antes de tudo, se constitui em expressão teológica bem definida do grupo de teólogos do CES. Caracteriza-se pelo esforço teórico e científico sério de amor e fidelidade à Verdade, no âmbito da justa liberdade acadêmica, em serviço à Igreja. No contexto do Continente latino-americano implica assumir a opção pela libertação dos pobres, expressa em Medellín e Puebla, e na missão da Companhia de Jesus de “serviço da fé do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta”.

O lugar privilegiado de manifestar a posição do grupo de professores é o editorial, escolhido e redigido colegiadamente entre temas julgados relevantes para a fé cristã e para o mundo.

Coleções

Em íntima conexão com as Edições Loyola, dirigidas pela mesma Companhia de Jesus, a Faculdade de Teologia assumiu várias coleções. Ligada a questões dogmáticas e pastorais de maior fôlego, se criou a coleção Fé e Realidade, onde se publicavam teses doutorais. Mais tarde essa coleção foi supressa, iniciando em seu lugar a Coleção *Theologica* (2000). A outra coleção Teologia e Evangelização publicou temas ligados à evangelização. Os livros sobre a Escritura constituíram a coleção Bíblica Loyola. Todas essas coleções se encontram sob a supervisão de algum professor da Faculdade de Teologia. Para publicações menores, iniciou-se a Coleção CES em 1999.

Já se concluiu o projeto de tradução para o português da monumental obra “Denzinger-Hünemann”, iniciada há vários anos, sob a coordenação do Prof. Pe. Johan Konings e está no prelo. Dessa maneira, o repertório fundamental dos documentos do magistério da Igreja, ao longo dos séculos, se tornará acessível ao leitor de língua portuguesa.

2ª FASE: FASE DE REESTRUTURAÇÃO

Descrevemos até aqui a planta básica da Faculdade de Teologia que se constituiu nos primeiros anos e que continua até hoje nas linhas gerais. No entanto, usamos quase sempre o verbo no passado para indicar que houve mudanças depois.

Uma primeira mudança substancial se processou com a reformulação do currículo básico, planejada pelo Pe. J. Konings e implementada durante a sua gestão de diretor. A necessidade da revisão do projeto acadêmico surgiu de vários fatores, uns externos, outros mais profundos. A Faculdade aumentou o número de alunos. O sistema de rodízio já não suportava salas tão numerosas. A articulação entre as matérias, precisamente por causa do rodízio, mostrava-se fluida. Num ano funcionava bem, noutra menos. E a mudança mais profunda veio da parte dos alunos. A Faculdade abriu-se a mais alunos de fora, de diversas congregações religiosas, do clero diocesano e leigos/as. A base teológica, que traziam, variava significativamente quanto a conhecimentos, convicções, perguntas e questionamentos. A geração pós-moderna começava a freqüentar, refletindo menos clareza e firmeza nos princípios fundamentais da fé.

Afetou a Faculdade o conhecido fenômeno da rotinização do carisma. Os fervores dos inícios baixaram a temperatura, a espontaneidade criativa cedeu lugar a normas definidas, firmes, objetivas. Em concreto, as mudanças se visualizaram em alguns pontos importantes.

O curso de bacharelado foi condensado em 6 semestres, em vez de sete. E o sexto semestre ficou bem aliviado para a preparação do exame complexo de tal modo que as matérias mais importantes da Escritura e Sistemática tiveram que ser ensinadas praticamente em cinco semestres. Várias disciplinas fundamentais que antes tinham 6 créditos, isto é, 6 aulas por semana durante todo um semestre, passaram a ter somente quatro. Suprimiu-se o rodízio de modo que cada semestre adquiriu consistência própria.

Para responder à condição pessoal dos alunos, adotou-se perspectiva existencial, propondo no início um curso sobre o Fato cristão. Uma disciplina propriamente pré-teológica. Pretende levar o aluno a pensar na condição de ser cristão hoje, antes de começar a refletir sobre ela por meio do estudo da teologia. Além disso, o tratado da teologia fundamental, em vez de partir da

revelação de Deus, analisa a situação cultural e existencial da modernidade e pós-modernidade em que o aluno está mergulhado. O primeiro ano de teologia assume o caráter de isagogia – princípios elementares – da fé cristã. Ambientação para quem vai encetar os estudos teológicos. O Evento Jesus Cristo está no centro deste primeiro ano. As matérias sistemáticas e bíblicas giram em torno de tal evento. E os outros cursos complementam-no.

Entra-se pela porta de Jesus Cristo (Fato Cristão, Cristologia). No segundo ano, avança-se e se pergunta pelo Deus de Jesus Cristo (Trindade) e pela comunidade de fé em Jesus Cristo (Eclesiologia). E o terceiro ano, mais reduzido, aborda o homem novo em Jesus Cristo (Antropologia teológica) e Deus tudo em todos (Escatologia).

Em cada bloco central, articularam-se internamente as matérias bíblicas, sistemáticas e outras.

O número de alunos, a perda da memória inicial, a facilitação de transferências obrigaram a abandonar o sistema de conceitos e adotar as clássicas notas numéricas.

3ª FASE: FASE DO RECONHECIMENTO CIVIL

Uma nova era para a Faculdade começou com a dupla gestão do Pe. Jaldemir Vitório, como Diretor, e a da Ir. Carmelita de Freitas na coordenação da Pós-graduação. Os cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, receberam enorme incremento. O mestrado começou a fazer parte do Programa da CAPES e mais recentemente o doutorado também recebeu o mesmo reconhecimento. As exigências da CAPES obrigaram a implantar inúmeras medidas burocráticas, configurando a Faculdade no modelo das Universidades Federais e Civis laicas.

O mestrado que funciona desde 1986 passou por reformulação profunda em 1992, introduzindo-se o ano propedêutico, redefinindo as áreas de concentração, estabelecendo currículo fixo e cíclico. A demanda de reconhecimento do Mestrado por parte da CAPES/MEC, iniciada em 1994, levou a aumentar consideravelmente a oferta de cursos. O reconhecimento do curso de Mestrado data de 1997 mediante Portaria do MEC. As atividades dos professores passaram a ser coletadas e inseridas no Currículo Lattes. Os professores organizaram os estudos e as pesquisas em consonância com as Linhas e os Projetos de Pesquisa, detalhando os próprios campos de interesse. E as monografias, as dissertações e as teses são escolhidas e definidas conforme as Linhas e os Projetos de Pesquisa.

A fim de adequar o programa de mestrado ao esquema das universidades brasileiras, a visita dos representantes da CAPES foi de extrema importân-

cia. As valiosas observações, ao serem implementadas, possibilitaram a obtenção da máxima pontuação na avaliação periódica, pré-requisito para o pedido de credenciamento do doutorado. O acervo, funcionamento e organização da biblioteca chamaram-lhes a atenção. O credenciamento do doutorado aconteceu em 2002.

A autorização do MEC para o curso de graduação foi efetivada pela Portaria Nº 264, de 19 de junho de 2006. Equívocos operacionais retardaram-na para além do esperado.

Informatização

Intensa informatização marcou a última década. A Biblioteca já está totalmente informatizada e acessível pela Internet no site da FAJE. Em 2003, inaugurou-se no âmbito da Biblioteca o “Memorial Padre Vaz”, que recolhe seus manuscritos, publicações feitas por ele e sobre ele, gravações em fita e vídeo de cursos e entrevistas e outras recordações de sua vida.

Por razões técnicas, substituiu-se o nome antigo de CES – Centro de Estudos Superiores – por FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Existe um portal acessível por www.faculdadejesuita.edu.br onde se encontram informações. Nele os alunos com a respectiva senha têm acesso ao seu currículo escolar. Oferece um chat, como ponto de encontro dos alunos da FAJE e também a possibilidade de tirar on-line dúvidas com o próprio professor.

No embalo da informatização, a Biblioteca da FAJE conseguiu ser selecionada juntamente com 163 Instituições particulares para receber a concessão do acesso ao Portal de Periódicos da CAPES após a avaliação do MEC.

Expansão da Faculdade

Em vários momentos da discussão entre os professores, surgia a preocupação de romper com a concepção de uma “Faculdade doméstica”. Para isso se fazia mister abrir-se para contactos mais amplos. Pouco a pouco, foram multiplicando-se as atividades da Faculdade fora do âmbito meramente curricular.

Desde 1986, amadurecia entre os professores a idéia de um curso de teologia para leigos. Inicia-se, em 1990, o “Curso de Teologia Pastoral”, sob a responsabilidade dos estudantes de teologia jesuítas. Inicialmente, o público-alvo foram os leigos da Paróquia Cristo Operário, do Bairro Planalto, confiada aos jesuítas. A partir de 2000, o curso foi oficialmente assumido pela Faculdade. Abriu-se também a leigos de outras comunidades da Grande Belo Horizonte. Confere um certificado de conclusão com a chancela da Faculdade. Visa ao aprofundamento da fé de agentes de pastoral engajados

nas comunidades. Tem a duração de três anos e meio com aulas às 3^{as} e 5^{as} feiras, preenchendo a carga horária de 440 horas.

No mesmo espírito de serviço aos leigos/as, organizou-se um Curso de atualização teológica por módulos a partir de 2000. Cada módulo consta de aulas duplas em 8 noites em dois meses de cada semestre.

Para incrementar o conhecimento aprofundado da Bíblia, sem ter as exigências do Mestrado, implantou-se o Curso de Especialização em Bíblia, Pós-graduação *lato sensu*. Ele tem consistência própria, mas pode também ser articulado com o mestrado.

A Faculdade oferece um Curso noturno de Teologia para Leigos na Cidade Jardim em convênio com o Centro Loyola de Belo Horizonte. Organizou também um Curso de Formação Teológico-pastoral para Religiosos Irmãos em forma de módulo que começou em 2006 e prosseguirá nos anos seguintes.

A Faculdade de Teologia, já dos tempos de São Leopoldo (1978), mantinha um convênio de Afiliação com o Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) pelo qual ela conferia o título de Bacharel de Teologia aos alunos do respectivo Instituto, desde que cumprissem um regulamento firmado entre ambas as Instituições com a aprovação da Congregação da Educação Católica. Renovou-se tal convênio agora com a Faculdade de Teologia, situada em Belo Horizonte, a 16 de março de 1984. Mais tarde, a 22 de outubro de 1996, estabeleceu-se semelhante convênio com o Instituto Teológico Paulo VI de Londrina. Ambas as afiliações continuam até os dias de hoje.

Integração das Faculdades de Filosofia e Teologia

A convivência no mesmo campus de duas Faculdades tem favorecido sua integração. Organizaram-se Colóquios Filosófico-Teológicos de periodicidade semestral iniciados em 2002. E a partir de 2005 têm-se promovido Seminários do Corpo Docente das duas Faculdades com o objetivo de propiciar a crescente integração do professorado com os princípios e objetivos das mesmas.

Elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional

Por exigência do Ministério da Educação, elaborou-se, em 2005, o Plano de Desenvolvimento Institucional, aprovado pelo Conselho Universitário, com as metas de desenvolvimento da FAJE para os próximos cinco anos.

Como horizonte maior contra o qual se pensou o PDI, a FAJE se definiu por vários princípios consensuais. Trata-se de uma identidade eclesial e jesuítica como pressuposto institucional em que se equilibram os critérios evangélicos e a liberdade acadêmica. Tal missão com a especificidade filosófico-

teológica cumpre-se com senso de responsabilidade. Busca-se abertura ao diálogo com o conjunto da sociedade e da cultura num trabalho integrado das duas Faculdades. A excelência acadêmica e a metodologia personalizada caracterizam-nas.

O PDI da FAJE, ao descer ao concreto, pretende promover e cultivar a investigação em filosofia, teologia e áreas afins à luz de um humanismo solidário, cristão, em diálogo com outras confissões e mundivisões. Para isso, busca proporcionar aos estudantes sólida formação filosófica e teológica em consonância com as orientações da Igreja Católica. E assume a difusão dos resultados das reflexões e pesquisas por meio de publicações, cursos, palestras, assessorias e outras formas de comunicação.

Eventos importantes

A Faculdade de Teologia, com a aprovação da Congregação da Educação Católica da Santa Sé, já conferiu três títulos de *Doctor honoris causa*. A D. João Resende Costa, arcebispo de Belo Horizonte, no dia 06 de março de 1989, em sinal de profunda gratidão pela generosa acolhida da Faculdade na Arquidiocese. A 12 de março de 1999, a D. Serafim Fernandes de Araújo, que, na qualidade de arcebispo de Belo Horizonte, despendeu extrema atenção e cuidado pela Faculdade. Finalmente, poucos meses antes da morte, D. Luciano Pedro Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana, recebeu o mesmo título, a 03 de maio de 2006, em preito de homenagem e gratidão pelo testemunho evangélico de vida e pelo estímulo à geração jovem na lide intelectual e pastoral.

A Frei Bernardino Leers OFM, antigo professor de Moral, por ocasião de seu 85º aniversário, prestou-se especial homenagem com solene *Laudatio a cargo* do Prof. Pe. José Roque Junges, da UNISINOS de São Leopoldo, no dia 05 de novembro de 2004.

Têm-se organizado periodicamente Semanas Teológicas desde 1991. A primeira se fez por ocasião da comemoração dos 500 anos de nascimento de Santo Inácio com série de conferências sobre temas de espiritualidade inaciana. No ano seguinte, 1992, comemorando os 500 Anos de Evangelização do Continente Latino-americano, a semana versou sobre tal temática. Contou-se nessa ocasião com a visita do Grão-Chanceler da Faculdade de Teologia, o Superior Geral dos Jesuítas Pe. Peter-Hans Kolvenbach que fez uma palestra com o título: "A importância da formação filosófica e teológica hoje".

Em 1994, a Semana teológica tratou do tema: "Repensar o Cristianismo num mundo plural". Em 2004, comemorando o centenário do grande teólogo alemão K. Rahner, organizou-se um simpósio sobre ele, constando de conferências magistrais e cursos breves.

No segundo semestre de 2005, planejou-se uma série de palestras sobre o Concílio Vaticano II, por ocasião do 40º aniversário do encerramento, feitas pelo Arcebispo emérito de João Pessoa, D. José Maria Pires, participante do próprio Concílio, pelo Pastor luterano Prof. Walter Altmann, pelo historiador Prof. Pe. José Oscar Beozzo, pelo Pe. Victor Codina sj, da Universidade Católica Boliviana de Cochabamba, entre outros. Uma das atividades foi feita em parceria com a CRB-BH.

De 25 a 27 de setembro de 2006, com a participação da Faculdade de Teologia, a FAJE organizou uma série de conferências sobre os Centenários Inicianos, tendo como tema central: “A Globalização e os Jesuítas. Origens, história e impactos”. Contou-se com a presença de conferencistas como o Embaixador Rubens Ricupero, o Prof. Pe. Alfredo Dinis sj, Diretor da Faculdade de Filosofia de Braga, o Prof. Pe. Nicolas Extremera Tapia sj, da Universidade de Granada, o Prof. Pe. Carlos Domingues Morano sj, da Faculdade de Teologia de Granada. Além disso, houve diálogo com o Prof. Pe. François Marty sj, do Instituto Católico de Paris e mini-cursos administrados por professores da casa e convidados. Encerrou-se com a presença do Grão-Chanceler, o Superior Geral dos Jesuítas Pe. Peter-Hans Kolvenbach, que proferiu a palestra: “As origens universitárias da Companhia de Jesus. Possibilidades e desafios para a América Latina”.

Em vista da preparação para a V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano a realizar-se em Aparecida, promoveu-se uma série de Conferências ministradas pelo Pe. José Comblin, D. José Maria Pires, Pe. Inácio Neutzling, da UNISINOS e pelo prof. Faustino Teixeira, da UFJF.

Participação em eventos eclesiais de maior monta

A pedido da CNBB, os professores opinaram sobre o texto do CELAM para a IV Conferência de Santo Domingo. O resultado da discussão foi remetido à presidência da CNBB. E para a próxima Conferência em Aparecida, os professores elaboraram um subsídio que foi publicado na Revista Perspectiva Teológica, posto na Internet e, em parte, assumido pelo Episcopado do Regional Leste II como sua contribuição. E é reconhecível sua presença na Síntese das contribuições da Igreja no Brasil à Conferência de Aparecida, elaborada por assessores da CNBB.

Desde o início da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), em junho de 1985, cujo primeiro presidente foi um professor da Faculdade, a nossa participação tem sido assídua.

Produção teológica e atividades externas do corpo docente

A Faculdade no âmbito cultural da sociedade e da Igreja se faz presente por meio da produção teológica do corpo docente. Torna-se difícil medir tal

influência. O simples dado estatístico dos livros dos professores, que devem somar mais de 200 títulos, escritos sozinhos ou em colaboração, e de várias centenas de artigos em revistas internacionais e nacionais, já revela algo da abundante produção. Não faltaram obras publicadas em grandes coleções européias e latino-americanas, como a *Cogitatio fidei*, *Tesi Gregoriana*, *Quardeni di teologia morale*, *Ricerche teologiche*, Livros básicos de Teologia, Teologia e Libertação, etc. Sem faltar à modéstia, a qualidade de tais escritos excede, em muitos aspectos, influenciando a cultura teológica do país e para além dele. Muitos livros dos professores foram traduzidos para o espanhol, francês, inglês, alemão, italiano.

Acrescente-se a participação do mesmo corpo de professores em Congressos internacionais e nacionais, Seminários, em Semanas teológicas, em cursos breves para bispos, para o clero diocesano, para religiosos e religiosas, para leigos e leigas em países da América Latina e para além deles.

Entre tais participações merece relevo a presença de professores como participantes e como conferencistas em reuniões da COCTI (Conferência das Faculdades Católicas de Teologia), do CELAM, da CRB, da CNBB, da CLAR, da Assessoria Teológica do P. Geral dos Jesuítas, da Comissão Teológica dos Provinciais jesuítas da América Latina. Nos últimos 10 anos, um professor da Faculdade fez parte do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. Participaram de defesa de dissertações e teses na Faculdade de Teologia da Universidade de Québec (Canadá), na PUC-Rio, na UFMG, na UFRJ, na UFJF, na PUC-São Paulo, na PUC-RS, na Faculdade Teológica dos Luteranos de São Leopoldo e em outras instituições de relevo do país.

Participação de outras denominações cristãs

A Faculdade tem já desde 1986 tido alunos de outras denominações evangélicas em nível de graduação e principalmente de pós-graduação. Contou no quadro de professores visitantes diversos teólogos protestantes.

Professores visitantes e conferencistas estrangeiros

Nomear todos os professores visitantes e conferencistas que passaram pela Faculdade nesses 25 anos nos levaria à longa lista de mais de quarenta nomes. Assinalamos alguns que nos parecem significativos de outros países. Lecionou exegese o P. Manuel Dias Mateus (Peru), História da Igreja o Pe. J. Valero (Espanha), Moral Social o Pe. Idelfonso Camacho (Espanha), Moral fundamental o Pe. E. López Azpitarte (Espanha), Metodologia o P. Félix Pastor (Roma), Cristologia o Pe. González Faus (Espanha), cursos monográficos na pós-graduação o prof. James Alison (Inglaterra), o Pe. Juan José Santiago (Puerto Rico), o Pe. Juan Luis Segundo (Uruguai), Pe. Ricardo Antoncich (Peru), Pe. Toni Catalá (Espanha), Pe. Alberto Casalegno (Itália),

Pe Henry de Ternay (França), Pe. José Miguel Munárriz (Paraguai), Pe Javier Gafo (Espanha), Pe. Victor Codina (Bolívia), Pe. Eduardo Najarro (Cuba), Rolando López (Peru).

Entre os conferencistas, salientamos o Pe. M. Amaladoss sj, Conselheiro geral em Roma, Pe. Andrés Torres Queiruga, o prof. Jean Delumeau do Colégio de França, Frei Carlos Josaphat, OP, professor emérito de Friburgo (Suíça), sem falar daqueles que participaram dos eventos acima indicados. Assinalamos com imensa gratidão a presença de tantos professores não jesuítas que lecionaram e continuam lecionando em nossa Faculdade. Sem eles não conseguiríamos cumprir as exigências acadêmicas com seriedade.

Conclusão

Os 25 anos de atuação em Belo Horizonte constituem curto lapso de tempo de trajetória maior que a Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus no Brasil, fundada em 1949 em São Leopoldo, vem seguindo ao longo das quase seis décadas. E, por sua vez, essa presença insere-se na obra dos jesuítas desde os albos do Descobrimento. Momento privilegiado para expressar profunda gratidão a Deus como também a enorme número de pessoas que viabilizaram a existência e as atividades da Faculdade em todos esses anos.

João Batista Libanio, SJ, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana — Roma (1968); é professor de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte; fundador e membro da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião); Vigário Paroquial de Nossa Senhora de Lourdes (Vespasiano); autor de obras, entre as quais, de publicação recente: *Teologia da Revelação a partir da modernidade*, São Paulo: Loyola, 5ª ed., 2005; *Eu Creio — Nós Creemos: Tratado da Fé*, São Paulo: Loyola, 2ª ed., 2004; *As lógicas da cidade, o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, São Paulo: Loyola, 2001; *A arte de formar-se*, São Paulo: Loyola, 4ª ed., 2004; *Introdução à vida intelectual*, São Paulo: Loyola, 3ª ed., 2006; *A religião no início do milênio*, São Paulo: Loyola, 2002; *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*, São Paulo: Loyola, 2003; *Gustavo Gutiérrez*, São Paulo: Loyola, 2004; *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*, São Paulo: Loyola, 2004; *Como saborear a celebração eucarística?* São Paulo: Paulus, 2ª ed., 2005; *Qual o caminho entre o crer e amar?* São Paulo: Paulus, 2ª ed., 2005; *Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005; *Qual o futuro do Cristianismo?* São Paulo, Paulus: 2006.

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
31720-300 Belo Horizonte – MG
e-mail: jblibanio@faculdadejesuita.edu.br

Coleção Theologica

A coleção THEOLOGICA, sob responsabilidade da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, divulga obras científicas no campo da teologia, produzidas por especialistas de renome, brasileiros ou estrangeiros, e destinadas em primeiro lugar às Faculdades e Institutos de Teologia e/ou Ciências da Religião, bem como aos pastores e estudiosos de teologia em geral. Tornando acessível os novos estudos, procura incentivar a pesquisa e discussão em nível científico.

Títulos publicados:

1. **Eu creio, nós cremos. Tratado da fé** (J. B. Libanio)
2. **As lógicas da cidade** (J. B. Libanio)
3. **Inculturação da fé. Uma abordagem teológica** (Mario de França Miranda)
4. **Nas fontes da vida cristã. Uma teologia do batismo-crisma** (Francisco Taborda)
5. **Crer no amor universal. Visão histórica, social e ecumênica do "Creio em Deus Pai"** (Carlos Josaphat)
6. **Igreja, povo santo e pecador** (Álvaro Barreiro)
7. **Jesus e a Política da Interpretação** (Elisabeth Schüssler Fiorenza)
8. **A religião no início do milênio** (J. B. Libanio)
9. **Olhando para o futuro** (J. B. Libanio)
10. **"Num só corpo". Tratado mistagógico sobre a eucaristia** (Cesare Giraudo)
11. **O Cristianismo e as religiões. Do desencontro ao encontro** (Jacques Dupuis)
12. **A salvação de Jesus Cristo. A doutrina da graça** (Mario de França Miranda)
13. **Karl Rahner em perspectiva** (Pedro Rubens / Claudio Paul)
14. **Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão** (J.B. Libanio)
15. **Karl Rahner - 100 anos. Teologia, filosofia e experiência espiritual** (Pedro Rubens / Francisco Taborda)
16. **A Igreja numa sociedade fragmentada. Escritos Eclesiológicos** (Mario de França Miranda)
17. **Do viver apático ao viver simpático. Sofrimento e morte** (Edson Fernando de Almeida)
18. **Os carismas da Igreja do terceiro milênio: Discernimento, desafios e práxis** (J. B. Libanio)

Edições Loyola — Cx. P. 42.355 - CEP 04299-970 São Paulo
e-mail: vendas@loyola.com.br